

Pernambuco só tem uma cidade livre da Covid-19

Atualização do Painel da Covid-19 realizada por pesquisadores do Centro Integrado de Estudos Georreferenciados para a Pesquisa Social (CIEG) da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) mostra que praticamente todos os municípios de Pernambuco já têm casos confirmados, 103 dias após o primeiro caso em Recife. Esta conclusão foi possível graças à pesquisa junto aos 12 últimos municípios ainda não contaminados e que ainda não estavam atualizados nos Informes Epidemiológicos da Secretaria de Saúde de Pernambuco. O mapa da Fundaj mostra os totais por município no estado e está disponível no site www.fundaj.gov.br.

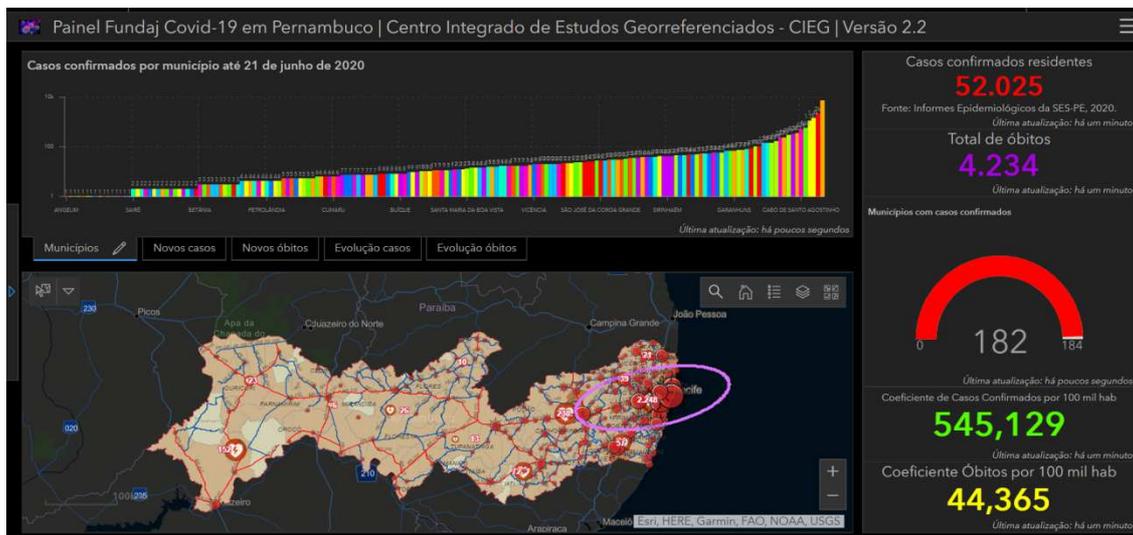


Figura 1. Painel da Fundaj com mapa e dados atualizados em 22/06/2020 da Pandemia do Covid-19 em Pernambuco, mostrando que 100% dos municípios têm casos confirmados nesta data.

O mapeamento mostra como a pandemia se disseminou em quase todos os 185 municípios pernambucanos em pouco mais de 3 meses

Os primeiros casos confirmados de Covid-19 em Pernambuco ocorreram no dia 12/03. A partir de 17/03 a Fundaj começou a mapear os casos confirmados residentes no estado (figura 1) com atualização constante desde então. Naquela data o mapa já apontava 16 casos. Esse número subiu para 82 no dia 31 de março, em 30 de abril pulou para 6.860, subiu novamente para 34.401 no final de maio (31/05), atingindo 52.025 casos confirmados residentes e 4.234 óbitos nesta segunda-feira (22) com 994 novos casos e 86 óbitos nas últimas 24h (figura 2). Convém registrar que desde o início desse estudo, os pesquisadores consideraram apenas os casos confirmados que residem no estado, descontando dos informes aqueles oriundos de outros estados e países, além dos que têm origem ignorada. Todos os dados dessa pesquisa estão disponíveis para livre acesso e download no site www.fundaj.gov.br, no destaque “Mapeamento da Covid-19 em Pernambuco”, incluindo as notas técnicas publicadas.

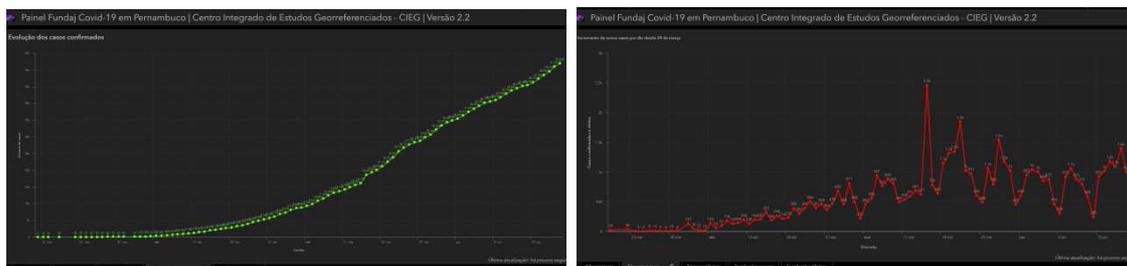


Figura 2. Gráficos com a evolução dos casos confirmados residentes (esquerda) e novos casos da Covid-19 de 17/03 até 22/06/2020, disponíveis no Painel Analítico Fundaj Covid-19 em Pernambuco no site www.fundaj.gov.br.
Fonte: Informes Epidemiológicos da Secretaria de Saúde de Pernambuco (SES-PE), 2020.

Foram necessários exatos 103 dias, pouco mais de 3 meses, desde o surgimento do primeiro caso em Recife no dia 12 de março, para a pandemia atingir praticamente todos os municípios de Pernambuco, o que ocorreu no dia 22 de junho (Figura 1).

Para chegar à essa conclusão, os pesquisadores observaram que no dia 18/06 apenas 12 municípios constavam como livres da pandemia nos informes de Secretaria de Saúde do estado (SES-PE). Exceto Belém de Maria que se situa no agreste meridional do estado, todos os outros municípios estão localizados no semiárido pernambucano.

Assim, os 12 últimos municípios a serem contaminados pela Covid-19 em Pernambuco seriam (figura 3): Belém de Maria, Calçado, Dormentes, Granito, Iati, Manari, Mirandiba, Moreilândia,

Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Filomena, Santa Maria da Boa Vista e Solidão, com populações que variam de 6.007 habitantes (Solidão) até 41.931 habitantes (Santa Maria da Boa Vista). Todos esses últimos municípios não contaminados, entretanto, são de alta vulnerabilidade social quando comparados aos demais municípios do estado e considerados os indicadores de renda, acesso à água e esgoto, bem como a inadequação de coleta de lixo domiciliar.

Últimos 12 Municípios com Covid-19 | 22 Junho de 2020

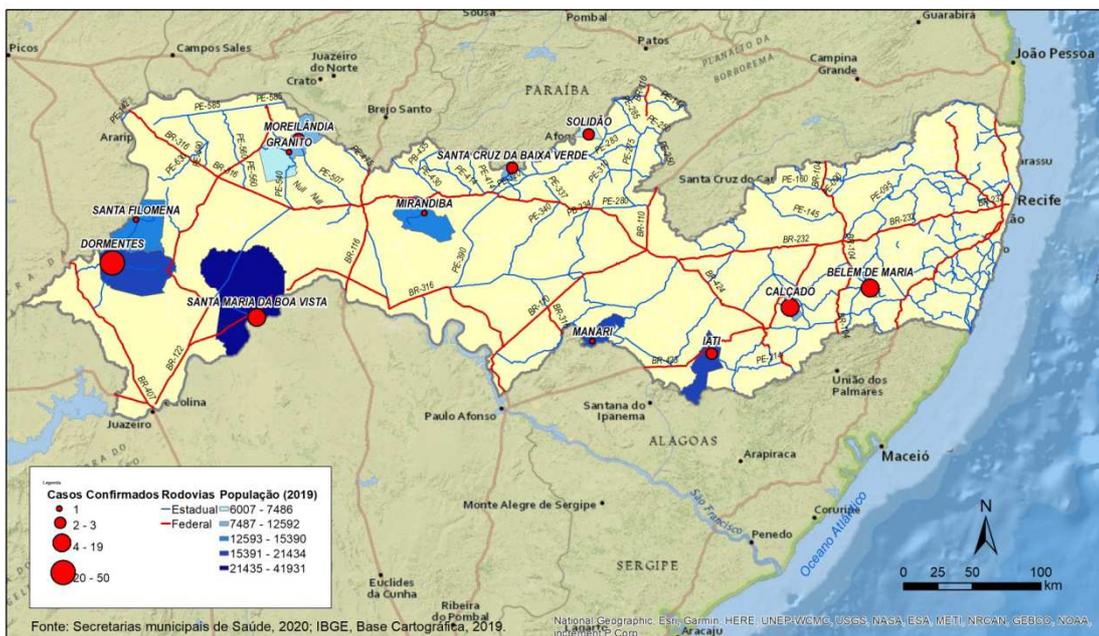


Figura 3. Mapa dos 12 últimos municípios a terem casos confirmados da Covid-19 em Pernambuco. Fonte: Secretarias municipais de Saúde, 2020. IBGE, Base Cartográfica 2019, Estimativa da População 2019. Edição: Neison Freire, Fundaj/CIEG, 2020.

Mas, como há uma considerável defasagem entre os dados publicados pela SES-PE e os dados publicados pelas próprias prefeituras, os pesquisadores resolveram investigar com maior detalhe os casos de Covid-19 nesses municípios, mapeando e analisando a situação específica desses 12 municípios (figura 4). Após a elaboração do mapa, eles procederam à atualização do número de casos confirmados da Covid-19 a partir dos sites das respectivas prefeituras. Desse levantamento se constatou que, dos 12 municípios, 10 já tinham casos confirmados. Restavam, portanto, apenas dois municípios não contaminados.

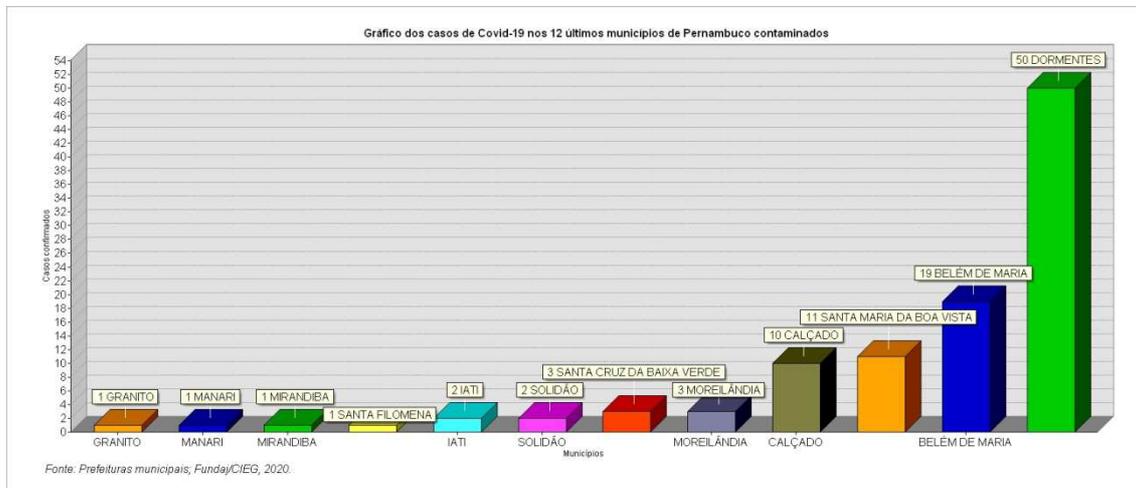


Figura 4. Gráfico com a atualização de casos confirmados da Covid-19 de 22/06/2020 nos 12 últimos municípios do estado que foram contaminados.

Fonte: Secretarias municipais de saúde. Fundaj/CIEG (2020).

Para esses dois últimos municípios, Manari (21.434 habitantes) e Mirandiba (15.390 habitantes), já objeto de pesquisa do Cieg em nota publicada no dia 26 de maio, ambos no sertão do estado, os pesquisadores buscaram informações por telefone junto às respectivas prefeituras e secretarias municipais de saúde nesta segunda-feira (22). Desses contatos, constatou-se, então, que Manari tem casos sob investigação e Mirandiba já apresenta uma morte suspeita pelo Covid-19. Portanto, Manari é o único município, até o momento, sem casos confirmados da Covid-19 em Pernambuco.

A análise espaço-temporal da pandemia

Analisando o mapeamento temporal do avanço no estado, os pesquisadores concluíram que a pandemia apresentou, até o momento, **quatro (4) fases distintas**. A **primeira** delas foi no início da pandemia no estado e se caracterizou por uma difusão do novo coronavírus de forma mais lenta e gradual, localizando-se, principalmente, nos bairros de classes média e alta da capital – os chamados “casos importados”, devido ao fato que inicialmente foram confirmados casos em passageiros vindos do exterior, especialmente da Itália.

A **segunda** fase, ocorrida entre meados de março e início de abril, caracterizou-se por uma maior velocidade de difusão do vírus, marcado pelos casos agora chamados de “transmissão comunitária”. Neste momento, a pandemia atingiu toda a Região Metropolitana do Recife (RMR).

A partir da segunda quinzena de abril a pandemia conquistou o agreste do estado e as matas norte e sul, tomando os eixos rodoviários como vetores de transmissão (especialmente as BR-232 e BR-101), caracterizando-se como a **terceira** fase da pandemia em Pernambuco, como alertou a nota técnica publicada pelo CIEG em primeiro de maio (01/05).

A **quarta** e última fase observada até o momento se refere ao avanço da pandemia em direção às pequenas e médias cidades do semiárido pernambucano. Neste aspecto, nota técnica publicada pelo CIEG em 26/05 mapeou e analisou as 20 últimas cidades ainda não contaminadas naquela data, a maioria localizada no sertão. Estas cidades se caracterizavam pelo isolamento geográfico, baixa densidade populacional e adoção de medidas preventivas, tais como a instalação de barreiras sanitárias nas entradas das cidades e os decretos de isolamento social e fechamento de comércio não essencial e escolas. **De fato, estas foram as cidades mais resistentes à pandemia no estado.**

Os tempos de disseminação das pandemias

As pandemias fazem parte da história da humanidade, sendo responsáveis por importantes mudanças no processo civilizatório, mas nunca sua difusão no território ocorreu de maneira tão veloz como a Covid-19.

A primeira doença infecciosa em larga escala de contágio foi a chamada “peste antonina” provocada pelo vírus da varíola que ocorreu no Império Romano no século II d.C. e levou cerca de 20 anos pra se espalhar por todo o vasto território romano da época, com ocorrência de eventos posteriores localizados em diversas partes do mundo ao longo dos séculos.

A segunda pandemia foi a chamada “peste negra” ou “peste bubônica” que surgiu na Europa e foi causada pela bactéria *Yersinia pestis*. A pandemia durou de 1347 até 1353 (6 anos) e matou 1/3 da população europeia da época, cerca de 50 milhões de pessoas.

A última pandemia antes da Covid-19 foi a “gripe espanhola”, com grande impacto na I Guerra Mundial. A gripe espanhola foi causada por uma mutação do vírus *influenza* que surgiu nos EUA em 1918 e durou até meados de 1919, ou seja, levou pouco mais de um ano para se

disseminar nos países, manifestando-se em três ondas sucessivas, sendo a segunda a mais contagiosa e a que teve maior taxa de mortalidade¹.

Ao compararmos esses tempos de difusão das pandemias percebe-se que, ao longo da História, esses tempos de difusão e conquista dos territórios vêm diminuindo consideravelmente. Se a última pandemia levou pouco mais de um ano para se espalhar por todo o planeta, em Pernambuco, por exemplo, foram necessários apenas 3 meses para a pandemia atingir todo o estado numa primeira onda, apesar de todas as ações dos governos, tanto estadual como municipais, para retardar essa difusão. Acredita-se que sem essas intervenções, certamente esse tempo teria sido mais curto. Por outro lado, caso as medidas tivessem sido mais rigorosas e a adesão maior, certamente esse tempo de difusão ainda estaria se alongando no estado. Para entender como isso ocorreu de forma tão rápida, torna-se necessário compreender as características gerais de como as pessoas e grupos sociais se relacionam entre si e, também, entre outras cidades e países.

Assim, de uma maneira em geral, essa velocidade de difusão é um reflexo da nossa sociedade contemporânea, cujas transações comerciais e modo de vida são governados pela compressão do espaço pelo tempo, não importando mais as barreiras físicas e geográficas para o comércio e circulação de pessoas. Essa compressão do espaço geográfico é propiciada, essencialmente, pelas novas tecnologias da informação e da comunicação – chamadas, pelos geógrafos, de TIC's.

Vivemos, então, nesse mundo “globalizado”, onde a circulação de pessoas e mercadorias intensamente conectada por novas rotas de comércio e transações globais permite ao vírus traçar estratégias muito eficazes para sua disseminação em diferentes escalas, valendo-se das redes urbanas, dos eixos de mobilidade e do adensamento populacional para se disseminar. Completam esse quadro a migração pendular, o aglomerado urbano e o espaço denso e precariamente construído, especialmente nas áreas de maior vulnerabilidade social das grandes metrópoles, como é o caso do Recife, onde o número de casos vem crescendo mais que nos bairros das classes média e alta da capital.

Entretanto, convém alertar que permanece ainda desconhecido na pandemia do Covid-19 qual será o seu ápice de casos e óbitos, bem como qual a probabilidade de ocorrerem novas e

¹ HAYS, J. N. *Epidemics and pandemics. Their impacts on human history.* Austin, Texas: Fundação Kahle, 2005.

sucessivas ondas de contágio no território e, conseqüentemente, quais seriam suas intensidades em termos de coeficientes de contágio e letalidade. Portanto, prevenir (ainda) é necessário e possível.

Neison Freire

*Pesquisador Titular Fundaj
Coordenador do Centro Integrado de
Estudos Georreferenciados para a
Pesquisa Social (Cieg)*